

## Revisão Sistemática de Instrumentos de Personalidade usando o Big-Five em Crianças

**Pedro Saulo Rocha Martins \***

Orcid.org/0000-0002-6555-7649

**Juliana Mendes Alves**

Orcid.org/0000-0002-9427-607X

**Verônica Helena do Prado Vital**

Orcid.org/0000-0002-1805-1653

**Luciano da Silva Amorim**

Orcid.org/0000-0002-6040-6518

**Marcela Mansur-Alves**

Orcid.org/0000-0002-3961-3475

*Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil*

### Resumo

O presente estudo teve como objetivo levantar e descrever os principais instrumentos utilizados para avaliação do modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF) na infância. Os instrumentos foram descritos em relação a: tipo de respondente, idade do público-alvo, formato do instrumento, quantidade de itens, tipo de escala Likert, tipo de investigação da validade estrutural, índices de confiabilidade e controle de viés de resposta. A busca foi realizada por dois pesquisadores independentes nas seguintes plataformas: Pubmed, PsycINFO, Scopus, Web of science e BVS. Foram encontrados 7687 artigos. Após a remoção de arquivos repetidos, restaram 5714 artigos. Destes, 5536 foram excluídos pela leitura do título e resumo. Sessenta e seis artigos foram incluídos para análise qualitativa final. Foram encontrados 21 instrumentos utilizados para a avaliação dos CGF para a faixa etária de 6 a 12 anos. Alguns desses instrumentos, entretanto, foram construídos para serem usados com adultos. A maioria ( $f=13$ , 62%) dos instrumentos utiliza escalas Likert de 5 pontos. Apenas dois estudos buscaram controlar efeitos de vieses de resposta. Os aspectos psicométricos e teóricos/conceituais dos instrumentos foram avaliados, o que permitiu concluir que há a necessidade de mais estudos e mais instrumentos para medir personalidade na infância.

**Palavras-chave:** Avaliação da personalidade, crianças, modelo dos cinco grandes fatores, psicologia do desenvolvimento, avaliação infantil.

\* Correspondência: Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Avenida Antônio Carlos, 6627, Campus Pampulha, 31270-901, Belo Horizonte, MG, Brasil. Tel.: (31) 99809-1832. pedrosaulo95@gmail.com.

## Systematic Review of Personality Instruments using the Big-Five in Children

### Abstract

This study had the objective of identifying and summarizing questionnaires used to assess the five-factor model (FFM) in children. The main characteristics evaluated were: respondent (self or other), the target age-group, instrument format, number of items, Likert-scale type, factorial validity, reliability indices, and response bias control. We searched for articles in the following databases: Pubmed, PsycINFO, Scopus, Web of science, and BVS. A total of 7687 articles were found. After removing duplicate files, 5714 articles remained. Of these, 5536 were excluded based on title and abstract reading. Sixty-six articles were included for final qualitative analysis. Twenty-one instruments for assessing FFM in the age range of 6 to 12 years were identified. Some of the questionnaires were constructed for being used in adults. The majority of the questionnaires relied on five-point Likert-scales ( $f = 13$ , 62%). Only two studies controlled for response bias. Psychometric and conceptual aspects of the questionnaires were evaluated, leading to the conclusion that there is a need for more studies and instruments to measure personality in childhood.

**Keywords:** Personality assessment, child, five-factor model, developmental psychology, child assessment.

## Revisión Sistemática de Instrumentos de Personalidad utilizando el Big-Five en Niños

### Resumen

Este estudio tuvo como objetivo identificar y resumir cuestionarios utilizados para evaluar el modelo de los cinco grandes factores (FFM) en niños. Las principales características evaluadas fueron: el encuestado (autoinforme u otro), el grupo de edad objetivo, el formato del instrumento, el número de ítems, el tipo de escala Likert, la validez factorial, los índices de confiabilidad y el control de sesgo de respuesta. Se realizaron búsquedas de artículos en las siguientes bases de datos: Pubmed, PsycINFO, Scopus, Web of Science y BVS. Se encontraron un total de 7687 artículos. Después de eliminar los archivos duplicados, quedaron 5714 artículos. De estos, 5536 fueron excluidos tras la lectura del título y resumen. Sesenta y seis artículos se incluyeron para el análisis cualitativo final. Se identificaron 21 instrumentos para evaluar el CGF en el rango de edad de 6 a 12 años. Algunos de los cuestionarios fueron diseñados originalmente para adultos. La mayoría de los cuestionarios se basaron en escalas Likert de cinco puntos ( $f = 13$ , 62%). Solo dos estudios controlaron el sesgo de respuesta. Se evaluaron aspectos psicométricos y conceptuales de los cuestionarios, lo que llevó a la conclusión de que se necesita más investigación y más instrumentos para medir la personalidad en la infancia.

**Palabras-clave:** Evaluación de la personalidad, niños, modelo de los cinco factores, desarrollo psicológico, evaluación infantil.

Traços de personalidade são entendidos como padrões relativamente estáveis de pensamento, comportamento e sentimento (Roberts & Yoon, 2022). Atualmente, o modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF) é o mais aceito e o

mais estudado para descrição da configuração dos traços de personalidade na vida adulta (Roberts & Yoon, 2022). A nomenclatura mais comum para o modelo dos CGF é: Neuroticismo, Extroversão, Abertura a experiências, Amabili-

dade e Conscienciosidade (Costa et al., 2019). O modelo dos CGF também tem sido usado extensivamente para descrição da configuração da personalidade na infância (Slobodskaya, 2021), ainda que existam propostas alternativas ou complementares, tais como a adição de um sexto fator (Soto & John, 2014). Os CGF estão comumente associados a diversos desfechos de vida, como saúde, satisfação matrimonial e no trabalho, longevidade, desempenho escolar e performance laboral (Poropat, 2009; Soto, 2019; Soto & Tackett, 2015). Durante a infância, os traços estão relacionados ao desempenho acadêmico, por exemplo, atuando em diferentes mecanismos comportamentais e cognitivos para atingir metas (Vedel & Poropat, 2017).

A mensuração dos traços de personalidade na infância é permeada por certas limitações e dificuldades teóricas e práticas. Em primeiro lugar, a conceitualização utilizada para instrumentos de adultos não pode ser diretamente transposta para avaliação na infância (Herzhoff et al., 2017), visto que há itens com conteúdos relacionados a trabalho ou manejo de finanças que não se aplicam, necessariamente, à infância. Em segundo lugar, os comportamentos descritivos dos traços observados em adultos são diferentes daqueles presentes em crianças (i.e., diferente manifestação comportamental dos traços). Essa diferença pode se dar devido a mudanças de papéis sociais (Tackman et al., 2017), mas também relacionada à maturação biológica (Möttus et al., 2019). Em terceiro lugar, itens de questionários para crianças tendem a representar comportamentos mais simples (Shiner & DeYoung, 2013), apresentando menor variabilidade e densidade nos enunciados (Shiner et al., 2021), o que está de acordo com diferenças na forma de conceitualização dos traços. Por fim, há, ainda, sobreposição dos conceitos em questionários infantis de personalidade. Os itens de Neuroticismo, por exemplo, tendem a se misturar conceitualmente com o polo negativo do traço Amabilidade (Tackett et al., 2012).

As dificuldades práticas estão relacionadas, principalmente, a aspectos psicométricos e de operacionalização dos instrumentos. Existem

evidências, por exemplo, de que informantes mais novos tendem a produzir escores menos confiáveis e com menor diferenciação fatorial (Soto et al., 2008). O estudo de Soto et al. (2008) sugere, ainda, que o fenômeno de aquiescência (concordar ou discordar de itens independentemente de seu conteúdo) é mais pronunciado na infância, o que pode prejudicar a investigação da estrutura fatorial de instrumentos. Ademais, outros vieses de resposta, como desejabilidade social (responder aos itens buscando parecer melhor ou mais adequado às normas sociais), podem contribuir para uma estimação equivocada das relações entre os itens e os traços latentes, tanto na infância quanto em outras faixas etárias (Navarro-González et al., 2016). Desta forma, a ausência de controle para esses vieses de resposta pode prejudicar a mensuração dos traços na infância.

Ainda em relação a dificuldades práticas, a quantidade de itens a serem utilizados pode interferir no processo de avaliação de crianças. Normalmente, para que um construto esteja operacionalizado de forma representativa, há a necessidade de que muitos itens sejam utilizados (Soto & John, 2017). Um dos aspectos importantes na construção e investigação de evidências de validade de um instrumento é o balanceamento na quantidade de itens com a quantidade de características que se deseja avaliar (Soto & John, 2017). Entretanto, questionários longos tendem a não ser adequados para crianças, especialmente devido à capacidade de leitura e *span* de atenção reduzidos deste público (De Pauw, 2017). Desta forma, o uso de questionários curtos pode, por um lado, facilitar a aplicação em crianças e, por outro lado, prejudicar a representação de diferentes facetas e nuances dos CGF (Soto & John, 2017).

Levando em conta essas questões, os estudos de avaliação dos traços de personalidade na infância se valem de quatro estratégias, principalmente. A primeira é o uso de questionários de heterorrelato, em que pais ou professores respondem sobre crianças com as quais têm bastante contato. A segunda estratégia consiste no uso de questionários de autorrelato, em sua maioria

verbais. A desvantagem dessa técnica é a necessidade de leitura fluente (Maćkiewicz & Ciecuch, 2016) ou determinado grau de escolaridade para entendimento satisfatório dos itens (Gomes, 2012). De modo geral, essas limitações fazem com que os estudos com autorrelato comumente foquem na avaliação de crianças com idade acima dos dez anos. A terceira estratégia mais comum é a observação comportamental das crianças (Slepian et al., 2014; Tackett et al., 2017). Para isto, são necessários alguns avaliadores que julgam o comportamento e as interações sociais da criança em diversas situações. Essa abordagem, portanto, tende a não ser facilmente aplicável em contextos clínicos em que, rotineiramente, há apenas uma pessoa para avaliação do cliente. Por fim, a quarta estratégia abarca os chamados “métodos especiais”. Podemos entender essa categoria como a mais heterogênea e que compreende estudos com: (a) metodologia combinada de texto e imagem (Maćkiewicz & Ciecuch, 2016), (b) entrevistas semiestruturadas ou uso de pequenas histórias para contextualizar as perguntas dos itens (Measelle et al., 2005). Essas estratégias possuem seus vieses específicos e dificuldades comuns, como menos estudos e menor difusão da sua aplicabilidade.

Considerando a heterogeneidade nas formas de avaliação da personalidade e suas dificuldades conceituais e operacionais, é importante mapear quais instrumentos existem e quais metodologias são adotadas para estimação dos traços na infância. Isso possibilita uma sistematização da produção já existente, auxiliando pesquisadores da área a identificar as lacunas e a pensar em estratégias para tentar solucioná-las, visando, em última instância, ao desenvolvimento do campo. Dessa forma, o objetivo principal do presente estudo é realizar um levantamento sistemático dos principais instrumentos disponíveis para avaliar a personalidade de crianças. Para restringir a busca, apenas serão considerados instrumentos que se propõem a medir o modelo dos CGF. Como objetivos específicos, pretende-se identificar características metodológicas relevantes dos instrumentos. Especificamente, serão identificados os seguintes aspectos: (a)

tipo de respondente, (b) idade do público-alvo, (c) formato do instrumento, (d) quantidade de itens, (e) tipo de escala Likert, (f) tipo de investigação da validade relacionada à estrutura interna, (g) índices de confiabilidade e (h) se houve alguma forma de controle de viés de resposta (aquiescência e desejabilidade social). Até o momento e que se tenha conhecimento, apenas os trabalhos de De Pauw (2017) e Shiner et al. (2021) revisaram testes de personalidade para crianças. Entretanto, ambos estudos não se configuram como revisões sistemáticas, assemelhando-se a uma revisão narrativa da literatura. Ademais, as produções não incluíram em sua análise trabalhos publicados em outros idiomas além do inglês.

## Métodos

A busca por artigos foi realizada nas seguintes bases de dados: *Pubmed*, *PsychINFO*, *Scopus*, *Web of Science* e *BVS*. A pesquisa foi feita utilizando os seguintes descritores e operadores booleanos: (((“*personality trait*”[Text Word])) OR “*five factor model*”[Text Word]) OR “*big five*”[Text Word]) AND (((“*child*”[MeSH Terms]) OR “*children*”[Text Word])). Foram realizadas adaptações à forma de busca de acordo com o sistema de cada plataforma consultada. A sintaxe foi construída tentando identificar (1) a medida de interesse (traços de personalidade e o modelo dos CGF) e (2) a população-alvo (crianças). A especificidade de faixa etária das crianças foi determinada de acordo com termo *MeSH Child*, que corresponde às idades entre seis e doze anos.

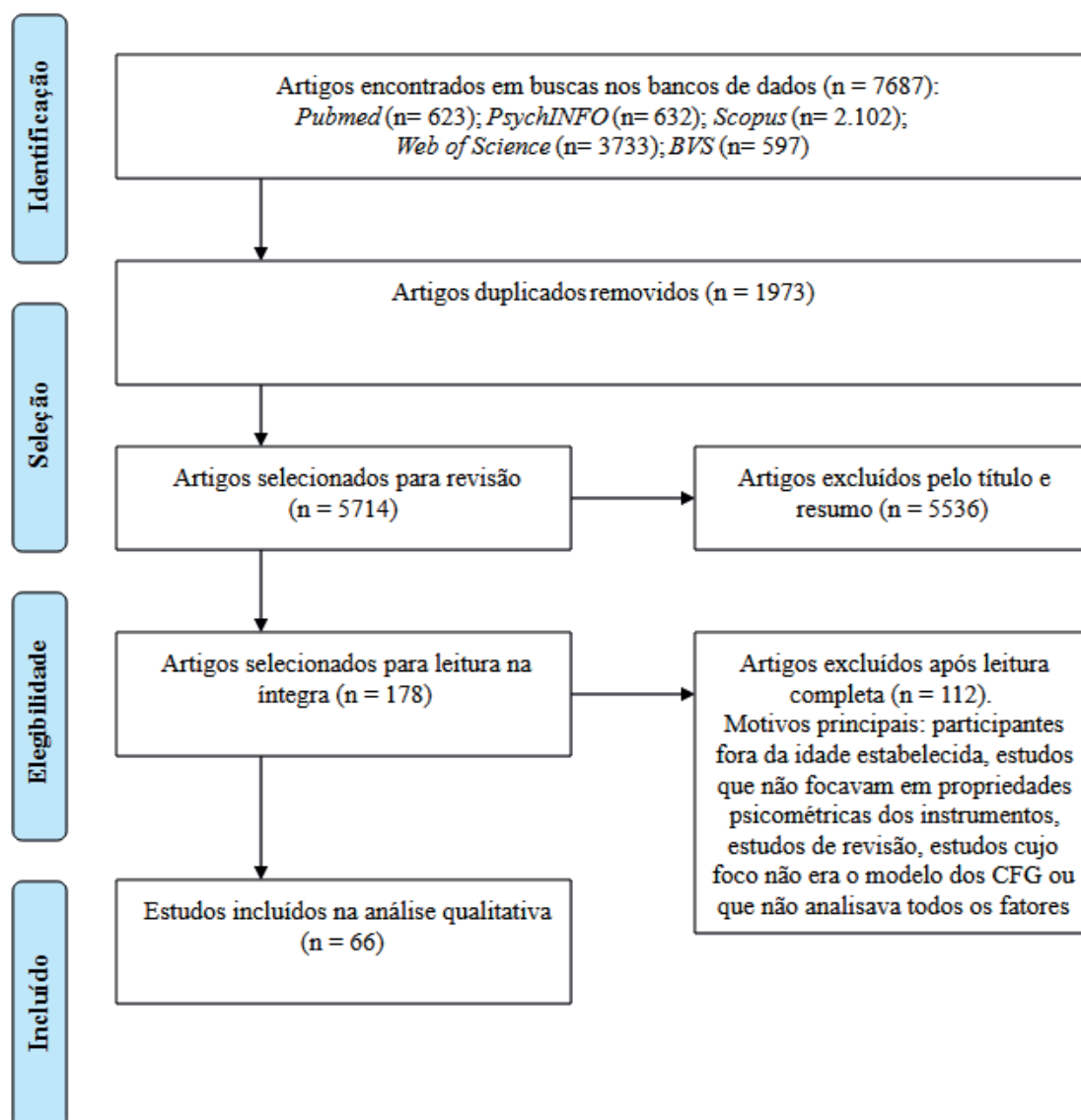
Para serem incluídos na revisão, os estudos deveriam possuir dados de crianças com desenvolvimento típico (quando informado); delineamento longitudinal ou transversal. Foram aceitos artigos escritos em inglês, espanhol e português. Não foi estabelecido um período específico de publicação, então artigos de todos os anos foram aceitos. Em caso de textos não disponíveis, foi realizado contato com os autores. Foram excluídos estudos que não possuíam como foco as propriedades psicométricas dos

instrumentos utilizados. Desta forma, apenas foram incluídos estudos que apresentassem evidências de validade dos instrumentos para essa faixa etária. A seleção dos artigos foi realizada por dois pesquisadores independentes e eventuais discordâncias foram resolvidas em reuniões de consenso. O processo de inclusão e avaliação dos artigos está esquematizado na Figura 1, de acordo com o *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA). A busca foi realizada entre 10/06/2019 e 19/05/2023.

Foram encontrados 7687 artigos. Após a remoção de arquivos repetidos, restaram 5714 artigos. Destes, 5536 foram excluídos

pela leitura do título e resumo. Os critérios de exclusão nessa primeira leitura incluíam artigos cujo foco não era personalidade, nem o modelo CGF ou que não trabalhavam com crianças. Foram selecionados 178 trabalhos para leitura do texto completo. Neste ponto, foram excluídos 112 artigos cujos participantes possuíam idade fora do intervalo estabelecido; estudos que não focaram nas propriedades psicométricas dos instrumentos; artigos de revisão; trabalhos que não tinham como foco o modelo dos CGF ou que não analisaram todas as cinco dimensões. Sessenta e seis artigos foram incluídos para análise qualitativa final dos testes de personalidade.

**Figura 1**  
Fluxograma do Processo de Inclusão e Avaliação dos Artigos



## Resultados

A Tabela 1 apresenta os resultados dos instrumentos encontrados. Os dados foram organizados de acordo com o ano da publicação original do teste, da mais recente para a mais antiga. Foram encontrados 21 questionários que utilizam todos os cinco fatores, sendo necessário ressaltar que alguns estudos utilizam variações da nomenclatura predominante. Todos os instrumentos encontrados possuem investigação de alguma forma de evidência de validade baseada na estrutura interna para a faixa etária determinada, cumprindo os critérios de inclusão. No geral, é possível perceber que há o uso de técnicas de análise fatorial exploratória, confirmatória e teoria de resposta ao item.

A maioria ( $f = 19$ ; 90%) conta com estímulos exclusivamente verbais (como frases ou adjetivos), ou seja, requerem alfabetização dos respondentes, seja para assinalar respostas em escalas do tipo Likert ou para desenvolver histórias sobre si mesmo. Poucos estudos apresentam metodologias alternativas para avaliação dos traços, como uso de fantoches (Measelle et al., 2005), contação de histórias (Arro, 2013) e combinação de combinação de avaliação pictórica com estímulos verbais (Maćkiewicz & Ceciuch, 2016). Quanto à faixa etária, alguns instrumentos ( $f = 7$ ; 33%) foram projetados para uso em adultos, portanto a idade máxima para seu uso varia consideravelmente (entre 7 anos e mais de 90 anos). Em relação à avaliação do modelo dos CGF para crianças com menos de dez anos, a metodologia mais utilizada foi o relato de informante, sendo empregada em nove de 12 instrumentos.

Com relação à forma de medida, a maioria dos instrumentos ( $f = 13$ ; 62%) utiliza escalas Likert de 5 pontos, apenas três (14%) utilizam escalas de 7 pontos, um (5%) de 3 pontos, e dois (10%) de 9 pontos. Em relação à consistência interna das escalas encontradas, dez dos instrumentos apresentam índices de confiabilidade acima de 0,70 para todas as dimensões (ver Tabela 1). Entretanto, é necessário ressaltar que nove

questionários apresentam valores abaixo do ponto de corte tradicional (0,70) nos índices de consistência em pelo menos um dos traços de personalidade. A seguir, é apresentada uma descrição breve de cada um dos instrumentos encontrados.

A *Berkeley Puppet Interview* é uma forma ampla de avaliação infantil utilizando fantoches para entrevistar crianças. A técnica foi adaptada para avaliar os CGF em crianças. A entrevista foi formulada para que dois fantoches falassem frases opostas sobre os traços e as crianças eram requisitadas a dizer como elas agiam no dia a dia de acordo com o que era dito. Os autores testaram vários modelos de análise fatorial confirmatória e o de melhor ajuste foi o de 5 fatores.

O *Big Five Inventory* (BFI) foi desenvolvido como uma alternativa curta aos questionários existentes à época. O instrumento possui 44 itens divididos entre os CGF. As pessoas devem responder a uma escala Likert de 5 pontos. Corrigindo para aquiescência, o uso dos CGF é justificado em crianças a partir dos 10 anos de idade. Os autores utilizaram análises de componentes principais.

O *Big Five Inventory for Children and Adolescents* (BFI-K KJ-F) é um instrumento que se baseia na versão da adaptação alemã do BFI. Os itens foram adaptados para representar as características dos fatores dentro da faixa etária de crianças e adolescentes. O instrumento pode ser respondido por meio de autorrelato e relato de informantes em uma escala Likert de 5 pontos (0 - nada verdadeiro, 4 - absolutamente verdadeiro). Existem evidências para o instrumento utilizando análises fatoriais exploratórias.

O *Big-Five Inventory-2* apresenta uma versão atualizada do BFI, citado anteriormente. O instrumento foi desenvolvido inicialmente para adultos e é utilizado com adolescentes a partir de idade próxima a 11 anos. Os itens são respondidos em uma escala Likert de 5 pontos. O uso em adolescentes parece corroborar o uso dos CGF por meio de estudos de teoria de resposta ao item com cada dimensão como fator independente (i.e., análises unidimensionais).

O *Big Five Personality Trait Short Questionnaire* (BFPTSQ) é um instrumento baseado em itens do BFI. Entretanto, foram realizadas mudanças na linguagem para que fosse adequada para crianças e adolescentes. Além disso, foram acrescentados itens para avaliar características relevantes dos traços. O instrumento possui 50 itens que devem ser respondidos em uma escala Likert de 5 pontos. Análises fatoriais confirmatórias e de modelagem por equação estruturais exploratórias corroboram o uso do instrumento.

O *Big Five Questionnaire for Children* (BFQ-C) é um questionário de autorrelato e relato de informantes para aplicação em crianças com idade entre 8 e 13 anos. Para relato de informantes, usa-se as respostas de pais e professores familiarizados com a criança. O instrumento possui 65 itens divididos igualmente entre 5 fatores: Energia/Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade, Instabilidade emocional (equivalente a Neuroticismo) e Intelecto/Abertura a experiências. O respondente deve assinalar a frequência de ocorrência descrita no item em uma escala Likert de 5 pontos. Este instrumento conta com a maior quantidade de estudos investigando suas propriedades psicométricas. Os estudos aplicam técnicas de análise fatorial confirmatória e exploratória e teoria de resposta ao item.

O *Common-Language California Child Q-Set* (CCQ) é um questionário desenvolvido na década de 1980 com o objetivo de medir de forma ampla características emocionais, comportamentais e interpessoais de crianças. O CCQ teve alguns de seus itens adaptados e categorizados conceitualmente para permitir inferir os CGF a partir da resposta dos pais. Os informantes devem classificar as crianças, de acordo com as frases dos itens, entre 1 = menos característico e 9 = altamente característico. Comumente, a versão utilizada possui 100 itens. Os estudos usando o CCQ, com análises de componentes principais, comumente encontram mais do que cinco fatores.

As escalas de adjetivos foram os primeiros instrumentos utilizados para explorar os CGF

em crianças. O estudo de Goldberg (2001) apresenta uma descrição completa do uso das escalas. Estas escalas possuem duas versões, com adjetivos unipolares e bipolares. Nos questionários unipolares, os professores deveriam marcar quais alunos mais possuíam a característica descrita no adjetivo. Nos questionários bipolares, o mesmo procedimento era feito, porém para dois adjetivos opostos, como gregário vs solitário. Os resultados das análises de componentes principais sugeriram uma solução de cinco fatores pelas classificações dos professores. As dimensões foram nomeadas por Goldberg (2001) como: Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade, Estabilidade emocional e Intelecto/Imaginação.

O *Five-Factor Personality Inventory-Children* (FFPI-C) é um instrumento de autorrelato. O instrumento possui 75 itens que possuem duas afirmativas opostas. Os indivíduos são requisitados a marcar no teste com qual afirmativa eles mais concordam. Sua aplicação pode ser coletiva ou individual. O instrumento possui evidências baseadas no uso de análise fatorial confirmatória.

O *Flemish Big-Five Bipolar Rating Scales* (B5BBS-25) foi construído com o intuito de ser uma versão holandesa equivalente às escalas de adjetivos bipolares usadas por Goldberg (2001). O B5BBS-25 é composto por 25 adjetivos opostos que são separados por uma escala de nove pontos. Os professores devem indicar a posição dos alunos em cada um dos polos dos adjetivos. Análises de componentes principais indicam o uso do instrumento para a estrutura de cinco fatores a partir dos seis anos de idade.

O *Hierarchical Personality Inventory for Children* (HiPIC) é um questionário construído com o foco na descrição de pais e cuidadores de crianças. O instrumento possui 144 itens, com 18 facetas (8 itens por faceta), organizado em 5 fatores. O HiPIC nomeia as dimensões medidas como: Imaginação, Extroversão, Instabilidade emocional, Benevolência e Conscienciosidade. É pedido aos pais que respondam como seus filhos se comportam mais frequentemente no último ano. Os pais respondem aos itens em

uma escala Likert de 5 pontos (1 = quase não é característico e 5 = altamente característico). O instrumento possui diversos estudos, com evidências de validade por meio análises fatoriais confirmatórias e exploratórias.

O Inventário de Características da Personalidade (ICP) é um instrumento brasileiro para avaliar polaridades dos CGF. A nomenclatura adotada para as oito polaridades encontradas em análises de modelagem por equações estruturais exploratórias foi: Mutabilidade, Estabilidade, Foco no Objeto, Foco em Relações Humanas, Foco no Objetivo, Extroversão, Introversão, Abertura a Novas Experiências. O ICP é um instrumento de autorrelato e pode ser usado em crianças e adolescentes com idade entre 8 e 18 anos. O instrumento possui 27 itens e deve ser respondido em uma escala Likert de 5 pontos (1 = nem um pouco e 5 = totalmente), entretanto, é recomendado nível de escolarização correspondente à sexta série do ensino fundamental para respondê-lo.

Os inventários NEO, em todas as suas formas (NEO PI-R, NEO-FFI, NEO PI-3), são, no geral, os instrumentos mais famosos de avaliação da personalidade usando o modelo dos CGF. Os inventários são usados, predominantemente, para o público adulto. Alguns estudos, porém, utilizam a forma de relato de informantes dos instrumentos para avaliação de crianças por meio da resposta de pais e cuidadores. Em crianças mais velhas (~12 anos), a versão NEO PI-3 já foi utilizada no formato de autorrelato. Para crianças, os resultados de análises fatoriais exploratórias tendem a ser menos diferenciados do que para adultos. O número de itens varia entre os inventários.

O *Inventory of Child Individual Differences* (ICID) é um questionário construído a partir da descrição livre de pais sobre seus filhos. As frases usadas pelos pais foram codificadas de forma a pertencer à taxonomia dos CGF. Os fatores foram nomeados da seguinte forma: Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade, Neuroticismo e Intelecto. Os pais respondem aos itens em uma escala do tipo Likert de 7 pontos (1 = muito menos ou nada parecido do que uma

criança comum e 7 = muito mais do que uma criança comum). Os estudos utilizam análises fatoriais exploratórias e confirmatórias.

O *Junior Spanish version of the NEO-PI-R* (JS NEO-A50) é uma adaptação com 50 itens dos inventários NEO para uso em crianças e adolescentes. O instrumento avalia 30 facetas (seis por traço) em escalas Likert de 5 pontos. Além disso, avalia os traços de personalidade por meio de autorrelato. Existem evidências para o uso do questionário por meio de modelagem por equações estruturais exploratórias.

O *M5-PS* foi criado a partir do site *International Personality Item Pool* para desenvolver itens para medir os CFG na pré-escola. O questionário deve ser respondido pelos pais e pode ser aplicado em crianças com idade entre 1 e 6 anos. As crianças são avaliadas em uma escala Likert de 5 pontos (1 = impreciso e 5 = acurado). Os estudos exploram as evidências de validade do instrumento usando análises fatoriais exploratórias e confirmatórias.

O *Mini International Personality Item Pool* (Mini-IPIP) foi desenvolvido para ser utilizado em adultos, porém, existem estudos que utilizam o instrumento em crianças. O questionário é composto por 20 itens derivados da escala internacional de personalidade, *International Personality Item Pool*. O instrumento é de autorrelato e o respondente deve indicar quanto as frases apresentadas são precisas para descrever seu comportamento no dia a dia usando uma escala Likert de 5 pontos. Em crianças, apenas análises confirmatórias foram realizadas e o modelo não apresenta ajuste aceitável.

O *Overall Personality Assessment Scale* (OPERAS) é um instrumento que possui 40 itens divididos entre Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade, Estabilidade emocional e Abertura a experiências. Os itens devem ser respondidos em uma escala Likert de 5 pontos. O instrumento possui análises fatoriais exploratórias e confirmatórias que corroboram o modelo dos CGF com o controle de desejabilidade social e aquiescência.

O *Pictorial Personality Traits Questionnaire for Children* (PPTQ-C) foi criado em um contexto



de falta de instrumentos para crianças com baixa habilidade de leitura. O questionário possui imagens que representam os polos negativos e positivos dos cinco traços de personalidade. A criança deve assinalar qual imagem representa melhor seu comportamento no dia a dia. O PPTQ-C é composto por 15 itens e possui dois formatos de escala: de três pontos para crianças até 10 anos e de cinco pontos para crianças mais velhas. Existem evidências sobre a estrutura interna do instrumento usando modelagem por equação estrutural exploratória.

O *Situative Personality Inventory for Children* (SPIC) é uma forma de avaliação da personalidade a partir de respostas abertas. As crianças são apresentadas a uma determinada situação, por exemplo, imaginar como elas se sentiriam se os pais chegassem atrasados para um compromisso com elas, e é requerido que elas descrevam como seria seu comportamento. Para cada dimensão, é apresentada à criança uma situação e ela deve responder livremente. Os resultados são avaliados por juízes que inferem o nível no traço a partir das respostas.

O *Ten-item Personality Inventory* é um instrumento que se propõe a medir os CGF utilizando uma medida breve, possuindo 2 itens por fator. O instrumento pode ser utilizado tanto no formato de autorrelato quanto por relato de informantes, sendo originalmente construído para o uso com adultos. Os itens apresentam características que devem ser respondidas em escalas do tipo Likert de 7 pontos. O uso em crianças possui evidências de validade baseadas em análises de componentes principais.

## Discussão

O presente artigo apresenta uma revisão sistemática dos instrumentos disponíveis para avaliação da personalidade em crianças, tendo como referência o modelo dos cinco grandes fatores. Foram encontrados 21 instrumentos que variam entre a população alvo para a qual foram criados (adultos ou crianças) e o tipo de informante (auto ou heterorrelato). É importante ressaltar que o número de instrumentos existentes para medir

personalidade na infância é reduzido quando comparado a outras faixas etárias (De Pauw, 2017). Em primeiro lugar, é necessário entender qual a razão para um menor interesse no estudo de traços de personalidade na infância quando comparado a adultos e idosos (Roberts & Yoon, 2022). É possível argumentar que a tendência histórica da área pode explicar parcialmente essa lacuna. A maioria dos primeiros estudos usando o modelo dos CGF focou especialmente em adultos e idosos (Roberts & Yoon, 2022), uma vez que esse público tem maior facilidade para responder métodos tradicionais de avaliação, questionários majoritariamente verbais e longos (muitas vezes com mais de 100 itens). Como uma consequência, os estudos de personalidade na infância são mais escassos e possuem menor consistência (Shiner et al., 2021), afastando o interesse de muitos pesquisadores. Ademais, o estudo de traços na infância, por muito tempo, foi dominado por teorias relacionadas a traços de temperamento (Brandes et al., 2020). Mesmo que haja uma grande sobreposição conceitual entre as proposições das duas áreas (veja Shiner & DeYoung, 2013 e Shiner et al., 2021 para uma revisão), estudos com temperamento foram, historicamente, a principal escolha para explicações acerca dos traços na infância.

Essa tendência, no entanto, está sendo reconsiderada a partir de uma perspectiva que propõe uma integração mais ampla entre os traços de temperamento e personalidade (De Pauw et al., 2009; Grist & McCord, 2010; Shiner et al., 2021). O estudo de De Pauw et al. (2009) conduziu uma análise de componentes principais, combinando os escores das facetas de uma escala de personalidade com três escalas de temperamento. De forma geral, o modelo de seis componentes encontrado apresenta afinidades com os CGF, incluindo componentes relacionados à Extroversão, Neuroticismo, Conscienciosidade e o polo negativo de Amabilidade. Apesar das divergências no número de dimensões e na organização de algumas cargas dos componentes, os resultados de De Pauw et al. (2009) sugerem que as semelhanças entre temperamento e personalidade vão além das conceituações e podem

**Tabela 1**  
Instrumentos Encontrados para Avaliação dos Cinco Grandes Fatores (CGF)

Nome do instrumento	Pais de origem	Referência (estudo original)	Tipo de respondente	Idade alvo	Nº pontos Likert	Nº de itens	Confiabilidade	Viés de resposta	Validade fatorial	Resultado da investigação fatorial
<i>Big Five Inventory for Children and Adolescents</i> (BFI-K KJ-F)	Alemanha	Kupper et al., 2020	Auto e heterorrelato - Verbal	9 - 16 anos	5 pontos	26	E = 0,86; N = 0,76; O = 0,77; C = 0,83; A = 0,70	Não controla	AFE	Corrobora o uso dos CGF
<i>Big Five Inventory-2</i> (BFI-2)	Estados Unidos	Soto & John, 2017	Autorrelato - Verbal	11 anos ou mais	5 pontos	60	Média das facetas: E = 0,66; N = 0,69; O = 0,66; C = 0,69; A = 0,65	Aquiescência no estudo original (sem crianças)	TRI	Corrobora o uso dos CGF (cada fator como dimensão independente em modelos de TRI)
<i>Pictorial Personality Traits Questionnaire for Children</i> (PPTQ-C)	Polónia	Maćkiewicz & Ciecuch, 2016	Autorrelato - Misto entre verbal e não verbal	6 - 13 anos	3 pontos - mais novos; 5 pontos - mais velhos	15	Crianças mais novas: E = 0,60; N = 0,69; O = 0,48; C = 0,65; A = 0,69. Crianças mais velhas E = 0,50; N = 0,62; O = 0,44; C = 0,61; A = 0,67	Não controla	MEEE	Corrobora o uso dos CGF
<i>Big Five Personality Trait Short Questionnaire</i> (BFPTSQ)	Canadá	Morizot, 2014	Autorrelato - Verbal	12 a 64 anos	5 pontos	50	12 a 17 anos: E = 0,79; EM = 0,80; O = 0,77; C = 0,77; A = 0,74	Não controla	AFC e MEEE	Corrobora o uso dos CGF

Nome do instrumento	País de origem	Referência (estudo original)	Tipo de respondente	Idade alvo	Nº pontos	Nº de itens	Confiabilidade	Viés de resposta	Validade fatorial	Resultado da investigação fatorial
<i>Overall Personality Assessment Scale (OPERAS)</i>	Espanha	Vigil-Colet et al., 2013	Autorrelato - Verbal	11 - 95 anos	5 pontos	40	E = 0,86; EM = 0,86; O = 0,81; C = 0,77; A = 0,71	Aquiescência e desejabi-lidade social	AFE	Corroborar o uso dos CGF
<i>Inventário de Características da Personalidade</i>	Brasil	Gomes, 2012	Autorrelato - Verbal	8 - 18 anos	5 pontos	27	estabilidade = 0,70; mutabilidade = 0,80; extroversão = 0,75; abertura a novas experiências = 0,70; introversão = 0,69; foco em relações humanas = 0,64; foco em objetos = 0,59; e conscienciosidade = 0,62	Não controla	AFC e MEEE	Corroborar o uso de oito polaridades relacionadas aos CGF apenas com MEEE
<i>Mini International Personality Item Pool (Mini-IPIP)</i>	Estados Unidos	Cooper et al., 2010	Autorrelato - Verbal	11 anos ou mais	5 pontos	20	E = 0,93; N = 0,92; O = 0,85; C = 0,90; A = 0,89	Não controla	AFC	Não corroborar o uso dos CGF
<i>Situative Personality Inventory for Children (SPIC)</i>	Estonia	Arro, 2013	Autorrelato - Verbal	10 - 13 anos	Não possui	5	Não possui	Não controla	Não se aplica	Não se aplica
M5-PS	Estados Unidos	Grist & McCord, 2010	Heterorrelato - Verbal	1 - 6 anos	5 pontos	35	E = 0,81; N = 0,85; O = 0,31; C = 0,88; A = 0,71	Não controla	AFC	Corroborar o uso dos CGF

Nome do instrumento	País de origem	Referência (estudo original)	Tipo de respondente	Idade alvo	Nº pontos	Nº de itens	Confiabilidade	Viés de resposta	Validade fatorial	Resultado da investigação fatorial
<i>Spanish Version of the Big Five Personality Trait Short Questionnaire</i> (JS NEO-A50)	Espanha	Ortet et al., 2022	Autorrelato - Verbal	12 a 17 anos	5 pontos	50	Estudo 1: E = 0,79; N = 0,83; O = 0,73; C = 0,83; A = 0,82; Estudo 2: E = 0,79; N = 0,81; O = 0,70; C = 0,78; A = 0,80	Não controla	AFE e MEEE	Corroborar o uso dos CGF
<i>Five-Factor Personality Inventory-Children</i> (FFPI-C)	Estados Unidos	McGhee et al., 2012	Autorrelato - Verbal	9 - 18 anos	2 pontos	75	E = 74; C = 0,86, outros valores não estão disponíveis	Não controla	AFC	Corroborar o uso do CGF
<i>Berkeley Puppet Interview</i> (BPI)	Estados Unidos	Measelle et al., 2005	Autorrelato - Misto entre verbal e não verbal	5 - 7 anos	7 pontos	41	5 anos: E = 0,64; N = - ; O = 0,66; C = 0,64; A = 0,65 6 anos: E = 0,70; N = 0,72; O = 0,71; C = 0,66; A = 0,66 7 anos: E = 0,67; N = 0,70; O = 0,66; C = 0,971; A = 0,71	Não controla	AFC	Corroborar o uso dos CGF
<i>Big-Five Questionnaire for Children</i> (BFQ-C)	Itália	Barbaranelli et al., 2003	Auto e heterorrelato - Verbal	8 - 13 anos	5 pontos	65	E = 0,75; N = 0,82; O = 0,76; C = 0,81; A = 0,81	Não controla	AFC	Corroborar o uso dos CGF
<i>Inventory of Children's Individual Differences</i> (ICID)	China, Grécia e Estados Unidos	Halverson et al., 2003	Auto e heterorrelato - Verbal	3 - 13 anos	7 pontos	144	E = 0,89; N = 0,82; O = 0,86; C = 0,89; A = 0,82	Não controla	AFC	Corroborar o uso dos CGF

Nome do instrumento	País de origem	Referência (estudo original)	Tipo de respondente	Idade alvo	Nº pontos Likert	Nº de itens	Confiabilidade	Viés de resposta	Validade fatorial	Resultado da investigação fatorial
<i>Ten-item Personality Inventory</i>	Estados Unidos	Gosling et al., 2003	Auto e heterorrelato - Verbal	7 anos ou mais	7 pontos	10	E = 0,62; N = 0,67; O = 0,43; C = 0,52; A = 0,46	Não controla	ACP	Corroborar o uso dos CGF
<i>Big Five Inventory (BFI)</i>	Estados Unidos	John & Srivastava, 1999	Auto e heterorrelato - Verbal	10 anos ou mais	5 pontos	44	10 anos: E = 0,64; N = 0,73; O = 0,57; C = 0,76; A = 0,76 20 anos: E = 0,87; N = 0,82; O = 0,75; C = 0,80; A = 0,78	Aquiescência	ACP	Corroborar o uso dos CGF quando o viés de resposta é controlado
<i>Hierarchical Personality Inventory for Children (HiPIC)</i>	Holanda	Mervielde & De Fruyt, 1999	Heterorrelato - Verbal	5 - 14 anos	5 pontos	144	E = 0,76-0,77; EM = 0,79; IM = 0,77-0,79; C = 0,88; BE = 0,83-0,85	Não controla	AFE	Corroborar o uso dos CGF
Inventários NEO	Estados Unidos	Costa et al., 2008	Auto e heterorrelato - Verbal	9 anos ou mais	5 pontos	60 a 240	NEO-PI-R: E = 0,80; N = 0,76; O = 0,61; C = 0,85; A = 0,78; NEO-FFI (auto): E = 0,51; N = 0,67; O = 0,40; C = 0,80; A = 0,63; NEO-FFI (hetero): E = 0,72; N = 0,83; O = 0,63; C = 0,90; A = 0,77; NEO-PI-3 (auto): E = 0,88; N = 0,90; O = 0,84; C = 0,93; A = 0,86; NEO-PI-3 (hetero): E = 0,87; N = 0,89; O = 0,83; C = 0,94; A = 0,90;	Não controla	ACP	Corroborar o uso dos CGF

Nome do instrumento	País de origem	Referência (estudo original)	Tipo de respondente	Idade alvo	Nº pontos Likert	Nº de itens	Confiabilidade	Víés de resposta	Validade fatorial	Resultado da investigação fatorial
<i>Flemish Big-Five Bipolar Rating Scales (B5BBS-25)</i>	Bélgica	Mervielde, 1992	Heterorrelato - Verbal	4 - 12 anos	9 pontos	25	Não possui	Não controla	ACP	Corroborar o uso dos CGF, mas a solução com apenas quatro fatores (sem Abertura a experiências) se ajusta melhor aos dados
Escalas de adjetivos	Estados Unidos	Digman, 1989	Heterorrelato - Verbal	6 - 12 anos	Não possui	44	E = 0,75; N = 0,68; O = 0,60; C = 0,77; A = 0,62	Não controla	ACP	Corroborar o uso dos CGF
<i>Common-Language California Child Q-Set (CCQ)</i>	Estados Unidos	Block & Block, 1980	Heterorrelato - Verbal	1 - 20 anos	9 pontos	100	6 a 8 anos: E = 0,69 a 0,75; N = 0,79 a 0,80; O = 0,40 a 0,49; C = 0,40 a 0,51; A = 0,70 a 0,72	Não controla	ACP	Alguns estudos indicam a presença de um sexto fator (Soto & John, 2014)

*Nota.* CGF: cinco grandes fatores; E = Extroversão; N = Neuroticismo; O = Abertura a Experiências; C = Conscienciosidade; A = Amabilidade; EM = Estabilidade Emocional; IM = Imaginação; BE = Benevolência; ACP = Análise de Componentes Principais; AFC = Análise Fatorial Confirmatória; AFE = Análise Fatorial Exploratória; MEEE = Modelamento por Equação Estrutural Exploratória

ser exploradas por meio de estudos empíricos. Nesse contexto, o estudo de Grist e McCord (2010) também fornece indícios de similaridade entre escalas de heterorrelato de temperamento e personalidade. Especificamente, os autores destacam correlações moderadas entre dimensões correlatas, como Neuroticismo e Emoções Negativas, Conscienciosidade e Controle (*effortful control*), e Extroversão e uma dimensão relacionada a Emoções Positivas (*Surgency*).

Considerando os anos de publicação dos artigos dos instrumentos, é possível perceber que o mais recente é de 2020 e o mais antigo é de 1980. Os demais estudos variam de 2 a 3 anos de diferença um para o outro. É possível observar alguns avanços durante esse intervalo de 40 anos. Os instrumentos mais antigos, no geral, não eram planejados para avaliação de um modelo específico de personalidade na infância, mas sim para uma apreciação geral de traços relevantes (Soto & John, 2014). Além disso, a redação dos itens é, frequentemente, dúbia, apresentando duas afirmativas em um único item e se restringindo à avaliação por meio de relato de informantes. Por outro lado, instrumentos mais recentes parecem seguir modelos teóricos para criação dos itens, bem como regras para escrita e clareza das afirmativas (Kupper et al., 2020). Ademais, aplicações mais recentes dos instrumentos parecem se preocupar com diferentes formatos de avaliação (Kupper et al., 2020; Peralta et al., 2021).

No presente estudo, foi possível, ainda, observar diferenças entre as faixas etárias alvo dos instrumentos. Foram encontrados menos instrumentos para crianças com menos do que 10 anos. Uma possível explicação para a diferença na quantidade de instrumentos disponíveis é a dificuldade de se utilizar os formatos tradicionais de avaliação (questionários longos, apresentação de enunciados com os quais os respondentes devem concordar ou discordar ou assinalar quão descritiva é a frase apresentada sobre seu modo de agir no dia a dia) com crianças mais novas. Além disso, alguns autores argumentam que apenas a partir dos 10 anos de idade seria possível medir

os CGF de forma coesa utilizando autorrelato (Costa et al., 2019). A alternativa mais comum encontrada foi o uso de heterorrelato, no qual cuidadores, pais ou professores respondem acerca do comportamento da criança, o que está de acordo com outras revisões que apenas incluíram instrumentos feitos com a língua inglesa (De Pauw, 2017; Shiner et al., 2021). Esta técnica permite que a avaliação seja capaz de abordar diversos aspectos conceituais dos CGF, especialmente porque os instrumentos são longos e, comumente, possuem um grande número de facetas. O HiPIC (Mervielde & De Fruyt, 1999) e o *Inventory of Children's Individual Differences* (ICID - Halverson et al., 2003) são exemplos de como a avaliação pode compreender diferentes manifestações dos traços, uma vez que ambos possuem uma quantidade elevada de itens (144). Ademais, o ICID ainda possui como vantagem o fato de que seus itens foram construídos a partir do relato livre de pais, permitindo que o vocabulário utilizado nos itens seja realmente adequado às descrições que os cuidadores comumente fornecem sobre as crianças.

Uma possível desvantagem associada ao heterorrelato, por outro lado, está relacionada à concordância entre avaliadores, procedimento utilizado para levantar evidências de validade da avaliação, uma vez que se assume que se a criança (ou sujeito) avaliada é a mesma, diferentes respondentes deverão emitir respostas semelhantes. No entanto, alguns estudos indicam que a concordância entre avaliadores sobre a mesma criança tende a ser apenas fraca ou moderada (Perret et al., 2019) e isso se repete também em avaliações de alguns traços em adultos (Möttus et al., 2019). Esse padrão, entretanto, é esperado de acordo com a visibilidade e desejabilidade social dos traços (Vazire, 2010). Traços cuja manifestação é mais visível (por exemplo, crianças mais extrovertidas sendo mais agitadas e buscando mais contato social) possuem maior concordância do que aqueles mais internalizantes (Mansur-Alves et al., 2010). Esse efeito não é exclusivo da avaliação de crianças (Vazire, 2010).

A desejabilidade social pode se expressar na avaliação de pais, por exemplo, a partir de respostas que ressaltam pontos positivos da criança em detrimento do seu funcionamento real (Tackett et al., 2016), especialmente para itens que expressam ideias que podem ser consideradas como o necessário/desejável de acordo com a norma social/cultural vigente. O viés positivo pode aparecer de diversas maneiras, porém não apenas em relatos de pais. Desta forma, a baixa concordância pode ser explicada por visões diferentes dos respondentes sobre a criança avaliada, com respostas que podem magnificar ou atenuar seu verdadeiro funcionamento.

Nesse sentido, é importante destacar que há uma lacuna para avaliação dos CGF abaixo dos dez anos, tanto em relação à quantidade de instrumentos quanto, especialmente, à falta de instrumentos de autorrelato. Como pode ser observado pelos resultados, existem instrumentos que fornecem evidências para os CGF utilizando autorrelato com essa faixa etária. Entretanto, é necessário ressaltar que o autorrelato com crianças e adolescentes se baseia, em alguns casos, em instrumentos que não foram projetados especificamente para seu uso em crianças. Mesmo que não exista uma teoria organizadora da personalidade que seja exclusiva do desenvolvimento infantil (Saklofske et al., 2013), o uso de instrumentos planejados para adultos pode não ser a abordagem mais adequada. Em primeiro lugar, é necessário que os autores realizem procedimentos para adequação e adaptação do vocabulário para que o uso seja viável (Markey et al., 2002). Ademais, mesmo que estes procedimentos sejam realizados, não há garantia de que o conteúdo descrito no item, mesmo que seja semanticamente compreendido, faça sentido para determinada faixa etária. Desta forma, parece mais adequado que sejam criados instrumentos que se adaptem às especificidades das faixas etárias alvo da avaliação. Por outro lado, o uso do mesmo instrumento ao longo de uma faixa etária ampla permite o desenvolvimento de pesquisas investigando mudanças maturacionais dos traços (Soto et al., 2011). Por fim,

outra alternativa para se investigar uma maior amplitude de idade seria utilizar itens distintos para diferentes faixas etárias, equalizando suas formas alternativas (Kolen, 2021).

Considerando aspectos desenvolvimentais, o instrumento desenvolvido no trabalho de Measelle et al. (2005) foi operacionalizado de modo que as crianças eram apresentadas a um teatro de fantoches como formato dos itens, facilitando o entendimento e ajustando a aplicação do instrumento ao nível lúdico necessário para a faixa etária. Outra tentativa de adaptação de instrumentos foi apresentada no estudo de Maćkiewicz e Ciecuch (2016). Os autores utilizam uma perspectiva construtivista para argumentar que o uso de estímulos concretos (as gravuras dos itens) seria uma forma de se avaliar crianças mais novas, uma vez que as imagens seriam utilizadas como ponto de referência facilitador para o processo de resposta. Desta forma, é possível argumentar que instrumentos estritamente verbais (ou com ausência de elementos lúdicos (i.e., fantoches) ou pontos de referência concretos) não levam em conta características do desenvolvimento das crianças, uma vez que, durante esta faixa etária (6 a 12 anos), elas se interessam mais por ferramentas lúdicas (Measelle et al., 2005, Peralta et al., 2021). Portanto, pode-se elencar como um ponto importante para avaliação e operacionalização de instrumentos dos CGF na infância tais características, como a necessidade de se conciliar as formas de avaliação tradicionais com o uso de histórias, imagens e personagens.

No que se refere às características psicométricas que concernem à avaliação dos CGF na infância, deve-se ressaltar que há estudos que indicam a presença mais pronunciada de algumas formas de viés de resposta. No geral, vieses de resposta, como aquiescência, desejabilidade social, respostas extremas, entre outros, podem impactar as evidências de validade de instrumentos (Henninger & Meiser, 2020). Dessa forma, torna-se importante que existam formas de se controlar o impacto desses estilos de resposta, uma vez que esse fenômeno, es-



pecificamente a aquiescência, parece ser mais evidente em crianças (com 10 anos de idade) do que em adultos (Soto et al., 2008). Neste mesmo sentido, o estudo de Navarro-González et al. (2016) sugere que a aquiescência pode levar à estimação equivocada das cargas fatoriais, tanto subestimando quando superestimando seus valores. Os autores recomendam que, quando possível, esse viés seja controlado. Navarro-González et al. (2016) possuem o único estudo com crianças encontrado que controla tanto a desejabilidade social quanto a aquiescência. Quando não controlado, esse tipo de estilo de resposta parece também distorcer a estimativa das cargas fatoriais.

Em relação ao formato de resposta, a quantidade de pontos na escala Likert pode estar implicada, por um lado, na confiabilidade dos instrumentos (Simms et al., 2019), mas pode ser entendida também como uma complexificação do formato de medida. Escalas menores podem ser mais facilmente entendidas por crianças mais novas do que escalas com muitas gradações. O PPTQ-C, BPI e BFI (especialmente para as crianças) apresentam índices alfa de Cronbach consistentemente baixos. Para os dois primeiros, essa tendência pode ser entendida pelo número de itens das escalas, uma vez que este coeficiente tende a ser inflado pelo tamanho dos questionários (Revelle & Condon, 2019). Já para o BFI, como a escala não foi projetada especificamente para o público infantil, baixa consistência interna pode indicar certa dificuldade das crianças em respondê-la. Esse padrão é reforçado pelo estudo de Soto et al. (2008), uma vez que os autores argumentam que melhores índices de validade para a escala estão associados com maior idade do respondente.

No geral, os estudos indicaram que as soluções fatoriais tendem a ser melhores quanto maior a idade da criança (Maćkiewicz & Cieciuch, 2016; Soto et al., 2008). Ademais, estudos com análises fatoriais exploratórias ou com modelagem por equação estrutural exploratória parecem fornecer evidências

mais favoráveis para a dimensionalidade dos instrumentos, uma vez que itens de inventários de personalidade tendem a apresentar cargas fatoriais cruzadas (Booth & Hughes, 2014).

O presente estudo, entretanto, ainda conta com algumas limitações ao revisar os instrumentos disponíveis para avaliação dos CGF em crianças. Em primeiro lugar, não foi realizada análise de viés de publicação dos artigos incluídos. Ademais, instrumentos para crianças com menos de seis anos não foram incluídos, o que poderia acrescentar ao debate sobre diferenças conceituais e psicométricas entre personalidade e temperamento. Por fim, em estudos futuros, a inclusão de outros instrumentos psicométricos com base em outros modelos teóricos que não os CGF pode ser interessante para identificar se a forma de avaliação é similar à encontrada nesta revisão.

### Considerações Finais

O objetivo do presente estudo foi realizar um levantamento dos instrumentos disponíveis para avaliar a personalidade por meio dos CGF de crianças. Analisando os trabalhos encontrados durante a presente revisão, fica evidente a necessidade de mais estudos sobre os instrumentos para medir personalidade na infância. É necessário que os estudos diversifiquem as estratégias usadas para avaliação, tendo em vista as especificidades de cada faixa etária. Para tanto, deve-se levar em conta os instrumentos existentes como referências e pontos de partida para a criação de novas estratégias de avaliação. Essa necessidade é reforçada, uma vez que a personalidade na infância está associada a diversos desfechos de vida, como desempenho escolar e ocupacional, satisfação e qualidade de vida e hábitos de saúde. Compreender melhor a personalidade infantil, por meio do desenvolvimento de estratégias adequadas, possibilitaria pensar e desenvolver métodos de intervenção efetivos para a psicologia aplicada.

### Contribuição dos autores

Pedro Saulo Rocha Martins, Juliana Mendes Alves, Verônica Helena do Prado Vital, Luciano da Silva Amorim realizaram a busca e sistematização dos artigos.

Pedro Saulo Rocha Martins, Juliana Mendes Alves, Verônica Helena do Prado Vital, Luciano da Silva Amorim e Marcela Mansur-Alves realizaram a redação do manuscrito.

### Conflitos de interesse

Os autores declaram não haver conflito de interesses relacionado à publicação deste manuscrito.

### Referências

- Arro, G. (2013). Peeking into personality test answers: Inter- and intraindividual variety in item interpretations. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 47(1), 56–76. <https://doi.org/10.1007/s12124-012-9216-9>
- Barbaranelli, C., Caprara, G. V., Rabasca, A., & Pastorelli, C. (2003). A questionnaire for measuring the Big Five in late childhood. *Personality and Individual Differences*, 34(4), 645–664. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(02\)00051-X](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(02)00051-X)
- Block, J., & Block, J. H. (1980). *The California Child Q-Set*. Consulting Psychologists Press.
- Booth, T., & Hughes, D. J. (2014). Exploratory Structural Equation Modeling of Personality Data. *Assessment*, 21(3), 260–271. <https://doi.org/10.1177/1073191114528029>
- Brandes, C. M., Reardon, K. W., & Tackett, J. L. (2020). Personality Theories. In *The Encyclopedia of Child and Adolescent Development* (pp. 1–12). Wiley. <https://doi.org/10.1002/9781119171492.wecad478>
- Cooper, A. J., Smillie, L. D., & Corr, P. J. (2010). A confirmatory factor analysis of the Mini-IPIP Five-Factor Model Personality Scale. *Personality and Individual Differences*, 48(5), 688–691. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2010.01.004>
- Costa, P. T., Jr., McCrae, R. R., & Martin, T. A. (2008). Incipient adult personality: The NEO-PI-3 in middle-school-aged children. *British Journal of Developmental Psychology*, 26(1), 71–89. <https://doi.org/10.1348/026151007X196273>
- Costa, P. T., McCrae, R. R., & Löckenhoff, C. E. (2019). Personality across the Life Span. *Annual Review of Psychology*, 70(1), 423–448. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010418-103244>
- De Pauw, S. (2017). Childhood personality and temperament. In T. A. Widiger (Ed.), *The Oxford Handbook of the Five Factor Model* (Vol. 1). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199352487.013.21>
- De Pauw, S. S. W., Mervielde, I., & Van Leeuwen, K. G. (2009). How are traits related to problem behavior in Preschoolers? Similarities and contrasts between temperament and personality. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37(3), 309–325. <https://doi.org/10.1007/s10802-008-9290-0>
- Digman, J. M. (1989). Five robust trait dimensions: Development, stability, and utility. *Journal of Personality*, 57(2), 195–214. <http://doi:10.1111/j.1467-6494.1989.tb00480.x>
- Goldberg, L. R. (2001). Analyses of Digman's child-personality data: Derivation of Big-Five factor scores from each of six samples. *Journal of Personality*, 69(5), 709–743. <https://doi.org/10.1111/1467-6494.695161>
- Gomes, C. M. A. (2012). A estrutura fatorial do inventário de características da personalidade. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(2), 209–220. <https://doi.org/10.1590/s0103-166x2012000200007>
- Gosling, S. D., Rentfrow, P. J., & Swann, W. B. (2003). A very brief measure of the Big-Five personality domains. *Journal of Research in Personality*, 37(6), 504–528. [https://doi.org/10.1016/S0092-6566\(03\)00046-1](https://doi.org/10.1016/S0092-6566(03)00046-1)
- Grist, C. L., & McCord, D. M. (2010). Individual differences in preschool children: Temperament or personality? *Infant and Child Development*, 19(3), 264–274. <https://doi.org/10.1002/icd.663>
- Halverson, C. F., Havill, V. L., Deal, J., Baker, S. R., Victor, J. B., Pavlopoulos, V., Besevegis, E., & Wen, L. (2003). Personality structure as derived from parental ratings of free descriptions of children: The Inventory of Child Individual Differences. *Journal of Personality*, 71(6), 995–1026. <https://doi.org/10.1111/1467-6494.7106005>

- Henninger, M., & Meiser, T. (2020). Different approaches to modeling response styles in divide-by-total item response theory models (part 1): A model integration. *Psychological Methods*, 25(5), 560–576. <https://doi.org/10.1037/met0000249>
- Herzhoff, K., Kushner, S. C., & Tackett, J. L. (2017). Personality development in childhood. In J. Specht (Ed.), *Personality development across the lifespan* (pp. 9–23). Academic Press. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1016/B978-0-12-804674-6.00002-8>
- John, O. P., & Srivastava, S. (1999). The Big Five Trait taxonomy: History, measurement, and theoretical perspectives. In L. A. Pervin & O. P. John (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 102–138). Guilford Press.
- Kolen, M. J. (2021). History of test equating methods and practices through 1985. In B. E. Clauser & M. B. Bunch (Eds.), *The History of Educational Measurement: Key Advancements in Theory, Policy, and Practice* (pp. 318–342). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780367815318-14>
- Kupper, K., Krampen, D., Rammstedt, B., & Rohrmann, S. (2020). The German-Language Short Form of the Big Five Inventory for Children and Adolescents-Other-Rating Version (BFI-K KJ-F). *European Journal of Psychological Assessment*. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000592>
- Maćkiewicz, M., & Ciecuch, J. (2016). Pictorial Personality Traits Questionnaire for Children (PPTQ-C) - A new measure of children's personality traits. *Frontiers in Psychology*, 7(498), 1–11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00498>
- Mansur-Alves, M., Flores-Mendoza, C., & Abad, F. J. (2010). Avaliação multi-informe do traço de neuroticismo em escolares. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(3), 315–327. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000300004>
- Markey, P. M., Markey, C. N., Tinsley, B. J., & Eriksen, A. J. (2002). A preliminary validation of preadolescents' self-reports using the Five-Factor Model of Personality. *Journal of Research in Personality*, 36(2), 173–181. <https://doi.org/10.1006/jrpe.2001.2341>
- McGhee, R. L., Ehrler, D. J., & Buckhalt, J. A. (2012). The relation between Five-Factor Personality Traits and Risk-Taking Behavior in Preadolescents. *Psychology*, 3(8), 558-561. [10.4236/psych.2012.38083](https://doi.org/10.4236/psych.2012.38083)
- Measelle, J. R., Ablow, J. C., John, O. P., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2005). Can children provide coherent, stable, and valid self-reports on the Big Five dimensions? A longitudinal study from ages 5 to 7. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89(1), 90–106. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.89.1.90>
- Mervielde, I. (1992). The B5BBS-25: A Flemish set of bipolar markers for the Big-5 personality factors. *Psychologica Belgica*, 32(2), 195–210. <http://hdl.handle.net/1854/LU-200615>
- Mervielde, I., & De Fruyt, F. (1999). Construction of the Hierarchical Personality Inventory for Children (HiPIC). In I. Mervielde, I. Deary, F. De Fruyt, & F. Ostendorf (Eds.), *Personality psychology in Europe. Proceedings of the Eight European Conference on Personality Psychology* (pp. 107–127). Tilburg University Press.
- Morizot, J. (2014). Big Five Personality Trait Short Questionnaire. *Assessment*, 21(5), 580–606. <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F1360-0000-21-5-580>
- Möttus, R., Briley, D. A., Zheng, A., Mann, F. D., Engelhardt, L. E., Tackett, J. L., Harden, K. P., & Tucker-Drob, E. M. (2019). Kids becoming less alike: A behavioral genetic analysis of developmental increases in personality variance from childhood to adolescence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 117(3), 635–658. <https://doi.org/10.1037/pspp0000194>
- Navarro-González, D., Lorenzo-Seva, U., & Vigil-Colet, A. (2016). Efectos de los sesgos de respuesta en la estructura factorial de los autoinformes de personalidad. *Psicothema*, 28(4), 465–470. <https://doi.org/10.7334/psicothema2016.113>
- Ortet, G., Mezquita, L., Morizot, J., Ortet-Walker, J., & Ibáñez, M. I. (2022). Assessment of “los pequeños” Big Five: The Spanish version of the Big Five Personality Trait Short Questionnaire in adolescents. *Psychological Assessment*, 34(5), 32–44. <https://doi.org/10.1037/PAS0001119>
- Peralta, Y., Aguilar-Rodríguez, A., González Dávila, O., & Miranda, A. (2021). Dimensionality and reliability assessment of a field implementation of the Big Five in Mexican Children. *Journal of Psychoeducational Assessment*. <https://doi.org/10.1177/07342829211002581>

- Perret, P., Ayad, M., Dauvier, B., & Congard, A. (2019). Self- and parent-rated measures of personality are related to different dimensions of school adjustment. *Learning and Individual Differences, 70*, 182–189. <https://doi.org/10.1016/J.LINDIF.2019.02.007>
- Poropat, A. E. (2009). A Meta-Analysis of the Five-Factor Model of Personality and Academic Performance. *Psychological Bulletin, 135*(2), 322–338. <https://doi.org/10.1037/a0014996>
- Revelle, W., & Condon, D. M. (2019). Reliability from  $\alpha$  to  $\omega$ : A tutorial. *Psychological Assessment, 31*(4), 557–566. [https://doi.org/10.1037/pas0000754](https://doi.org/10.1037/PAS0000648)
- Roberts, B. W., & Yoon, H. J. (2022). Personality Psychology. In *Annual Review of Psychology* (Vol. 73, pp. 489–516). Annual Reviews. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-020821-114927>
- Saklofske, D. H., Joyce, D. K., Sulkowski, M. L., & Climie, E. A. (2013). Models for the personality assessment of children and adolescents. In *The Oxford handbook of child psychological assessment*. (pp. 348–365). <https://doi.org/10.1093/oxfordhdb/9780199796304.013.0015>
- Shiner, R. L., & DeYoung, C. G. (2013). The structure of temperament and personality traits. In P. D. Zelazo (Ed.), *The Oxford Handbook of Developmental Psychology: Vol. 2: Self and Social* (pp. 1–56). Oxford Handbooks Online. <https://doi.org/10.1093/oxfordhdb/9780199958474.013.0006>
- Shiner, R. L., Soto, C. J., & De Fruyt, F. (2021). Personality assessment of children and adolescents. *Annual Review of Developmental Psychology, 3*(1), 113–137. <https://doi.org/10.1146/annurev-devpsych-050620-114343>
- Simms, L. J., Zelazny, K., Williams, T. F., & Bernstein, L. (2019). Does the number of response options matter? Psychometric perspectives using Personality Questionnaire Data. *Psychological Assessment, 31*(4), 557–566. <https://doi.org/10.1037/PAS0000648>
- Slepian, M. L., Bogart, K. R., & Ambady, N. (2014). Thin-slice judgments in the clinical context. *Annual Review of Clinical Psychology, 10*, 131–153. <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-090413-123522>
- Slobodskaya, H. R. (2021). Personality development from early childhood through adolescence. *Personality and Individual Differences, 161*, 110596. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110596>
- Soto, C. J. (2019). How replicable are links between personality traits and consequential life outcomes? The Life Outcomes of Personality Replication Project. *Psychological Science, 30*(5), 711–727. <https://doi.org/10.1177/0956797619831612>
- Soto, C. J., & John, O. P. (2014). Traits in transition: The Structure of Parent-Reported Personality Traits from Early Childhood to Early Adulthood. *Journal of Personality, 82*(3), 182–199. <https://doi.org/10.1111/jopy.12044>
- Soto, C. J., & John, O. P. (2017). The next Big Five Inventory (BFI-2): Developing and assessing a hierarchical model with 15 facets to enhance bandwidth, fidelity, and predictive power. *Journal of Personality and Social Psychology, 113*(1), 117–143. <https://doi.org/10.1037/pspp0000096>
- Soto, C. J., & Tackett, J. L. (2015). Personality traits in childhood and adolescence. *Current Directions in Psychological Science, 24*(5), 358–362. <https://doi.org/10.1177/0963721415589345>
- Soto, C. J., John, O. P., Gosling, S. D., & Potter, J. (2008). The developmental psychometrics of big five self-reports: Acquiescence, factor structure, coherence, and differentiation from ages 10 to 20. *Journal of Personality and Social Psychology, 94*(4), 718–737. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.94.4.718>
- Soto, C. J., John, O. P., Gosling, S. D., & Potter, J. (2011). Age differences in personality traits from 10 to 65: Big Five domains and facets in a large cross-sectional sample. *Journal of Personality and Social Psychology, 100*(2), 330–348. <https://doi.org/10.1037/a0021717>
- Tackett, J. L., Herzhoff, K., Kushner, S. C., & Rule, N. (2016). Thin slices of child personality: Perceptual, situational, and behavioral contributions. *Journal of Personality and Social Psychology, 110*(1), 150–166. <https://doi.org/10.1037/pspp0000044>
- Tackett, J. L., Slobodskaya, H. R., Mar, R. A., Deal, J., Halverson, C. F. J., Baker, S. R., Pavlopoulos, V., & Besevegis, E. (2012). The hierarchical structure of childhood personality in five countries: Continuity from early childhood to early adolescence. *Journal of Personality, 80*(4), 847–879. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.2011.00748.x>

- Tackett, J. L., Smack, A. J., Herzhoff, K., Reardon, K. W., Daoud, S., & Granic, I. (2017). Measuring child personality when child personality was not measured: Application of a thin-slice approach. *Personality and Mental Health, 11*(1), 4–13. <https://doi.org/10.1002/pmh.1351>
- Tackman, A. M., Srivastava, S., Pfeifer, J. H., & Dapretto, M. (2017). Development of conscientiousness in childhood and adolescence typical trajectories and associations with academic, health, and relationship changes. *Journal of Research in Personality, 67*(April 2017), 85–96. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2016.05.002>
- Vazire, S. (2010). Who knows what about a person? The self–other knowledge asymmetry (SOKA) model. *Journal of Personality and Social Psychology, 98*(2), 281–300. <https://doi.org/10.1037/a0017908>
- Vedel, A., & Poropat, A. E. (2017). Personality and academic performance. In V. Zeigler-Hill & T. K. Shackelford (Eds.), *Encyclopedia of Personality and Individual Differences* (pp. 1–9). Springer International Publishing. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-28099-8\\_989-1](https://doi.org/10.1007/978-3-319-28099-8_989-1)
- Vigil-Colet, A., Morales-Vives, F., Camps, E., Tous, J., & Lorenzo-Seva, U. (2013). Desarrollo y validación de las escalas de evaluación global de la personalidad (OPERAS). *Psicothema, 25*(1), 100–106. <https://doi.org/10.7334/psicothema2011.411>

## Anexo

### Artigos Incluídos na Revisão

- Arro, G. (2013). Peeking into personality test answers: Inter- and intraindividual variety in item interpretations. *Integrative Psychological and Behavioral Science, 47*(1), 56–76. <https://doi.org/10.1007/s12124-012-9216-9>
- Barbaranelli, C., Caprara, G. V., Rabasca, A., & Pastorelli, C. (2003). A questionnaire for measuring the Big Five in late childhood. *Personality and Individual Differences, 34*(4), 645–664. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(02\)00051-X](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(02)00051-X)
- Block, J., & Block, J. H. (1980). *The California Child Q-Set*. Consulting Psychologists Press.
- Bore, M., Laurens, K. R., Hobbs, M. J., Green, M. J., Tzoumakis, S., Harris, F., & Carr, V. J. (2020). Item Response Theory analysis of the Big Five Questionnaire for Children–Short Form (BFC-SF): A self-report measure of personality in children aged 11–12 years. *Journal of Personality Disorders, 34*(1), 40–63. [https://doi.org/10.1521/pedi\\_2018\\_32\\_380](https://doi.org/10.1521/pedi_2018_32_380)
- Cooper, A. J., Smillie, L. D., & Corr, P. J. (2010). A confirmatory factor analysis of the Mini-IPIP five-factor model personality scale. *Personality and Individual Differences, 48*(5), 688–691. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2010.01.004>
- Costa, P. T., Jr., McCrae, R. R., & Martin, T. A. (2008). Incipient adult personality: The NEO-PI-3 in middle-school-aged children. *British Journal of Developmental Psychology, 26*(1), 71–89. <https://doi.org/10.1348/026151007X196273>
- De Fruyt, F., Bartels, M., Van Leeuwen, K. G., De Clercq, B., Decuyper, M., & Mervielde, I. (2006). Five types of personality continuity in childhood and adolescence. *Journal of Personality and Social Psychology, 91*(3), 538–552. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.91.3.538>
- De Haan, A., De Pauw, S., van den Akker, A., Dekovic, M., & Prinzie, P. (2017). Long-term developmental changes in children’s lower-order Big Five personality facets. *Journal of Personality, 85*(5), 616–631. <https://doi.org/10.1111/jopy.12265>
- Deal, J. E., Halverson, C. F. J., Martin, R. P., Victor, J., & Baker, S. (2007). The Inventory of Children’s Individual Differences: Development and validation of a short version. *Journal of Personality Assessment, 89*(2), 162–166. <https://doi.org/10.1080/00223890701468550>
- Digman, J. M. (1989). Five robust trait dimensions: Development, stability, and utility. *Journal of Personality, 57*(2), 195–214. <http://doi:10.1111/j.1467-6494.1989.tb00480.x>
- Digman, J. M., & Shmelyov, A. G. (1996). The structure of temperament and personality in Russian children. *Journal of Personality and Social Psychology, 71*(2), 341–351. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.71.2.341>

- Digman, J. M., & Takemoto-Chock, N. K. (1981). Factors in the natural language of personality: Re-analysis, comparison, and interpretation of six major studies. *Multivariate Behavioral Research, 16*(2), 149–170. [https://doi.org/10.1207/s15327906mbr1602\\_2](https://doi.org/10.1207/s15327906mbr1602_2)
- Edmonds, G. W., Goldberg, L. R., Hampson, S. E., & Barckley, M. (2013). Personality stability from childhood to midlife: Relating teachers' assessments in elementary school to observer- and self-ratings 40 years later. *Journal of Research in Personality, 47*(5), 505–513. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2013.05.003>
- Goldberg, L. R. (2001). Analyses of Digman's child-personality data: Derivation of Big-Five factor scores from each of six samples. *Journal of Personality, 69*(5), 709–743. <https://doi.org/10.1111/1467-6494.695161>
- Göllner, R., Roberts, B. W., Damian, R. I., Lüdtke, O., Jonkmann, K., & Trautwein, U. (2017). Whose “storm and stress” is it? Parent and child reports of personality development in the transition to early adolescence. *Journal of Personality, 85*(3), 376–387. <https://doi.org/10.1111/jopy.12246>
- Gomes, C. M. A. (2012). A estrutura fatorial do inventário de características da personalidade. *Estudos de Psicologia (Campinas), 29*(2), 209–220. <https://doi.org/10.1590/s0103-166x2012000200007>
- Gomes, C. M. A., & Gjikuria, E. (2017). Comparing the ESEM and CFA approaches to analyze the Big Five factors. *Avaliação Psicológica, 16*(3), 261–267. <https://doi.org/10.15689/ap.2017.1603.12118>
- Gosling, S. D., Rentfrow, P. J., & Swann, W. B. (2003). A very brief measure of the Big-Five personality domains. *Journal of Research in Personality, 37*(6), 504–528. [https://doi.org/10.1016/S0092-6566\(03\)00046-1](https://doi.org/10.1016/S0092-6566(03)00046-1)
- Grist, C. L., & McCord, D. M. (2010). Individual differences in preschool children: Temperament or personality? *Infant and Child Development, 19*(3), 264–274. <https://doi.org/10.1002/icd.663>
- Hampson, S. E., & Goldberg, L. R. (2006). A first large cohort study of personality trait stability over the 40 years between elementary school and midlife. *Journal of Personality and Social Psychology, 91*(4), 763–779. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.91.4.763>
- Hampson, S. E., Andrews, J. A., Barckley, M., & Peterson, M. (2007). Trait stability and continuity in childhood: Relating sociability and hostility to the Five-Factor model of personality. *Journal of Research in Personality, 41*(3), 507–523. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2006.06.003>
- Hopkinson, L., Watt, D., & Roodenburg, J. (2014). Australian validation of the Hierarchical Personality Inventory for Children (HiPIC). *The Australian Educational and Developmental Psychologist, 31*(2), 113–124. <https://doi.org/10.1017/edp.2014.3>
- Iimarinen, V. J., Vainikainen, M. P., Verkasalo, M., & Lönnqvist, J. E. (2019). Peer sociometric status and personality development from middle childhood to preadolescence. *European Journal of Personality, 33*(5), 606–626. <https://doi.org/10.1002/per.2219>
- John, O. P., & Srivastava, S. (1999). The Big Five Trait taxonomy: History, measurement, and theoretical perspectives. In L. A. Pervin & O. P. John (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 102–138). Guilford Press.
- Kao, C. (2016). Analogy's straddling of analytical and creative thinking and relationships to Big Five Factors of personality. *Thinking Skills and Creativity, 19*, 26–37. <https://doi.org/10.1016/j.tsc.2015.08.001>
- Klingbeil, D. A. (2009). A review of the Five Factor Personality Inventory-Children. *Assessment for Effective Intervention, 35*, 61–64. <https://doi.org/10.1177/1534508408326248>
- Knyazev, G. G., Zupancic, M., & Slobodskaya, H. R. (2008). Child personality in Slovenia and Russia: Structure and mean level of traits in parent and self-ratings. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 39*(3), 317–334. <https://doi.org/10.1177/0022022108314542>
- Kokkinos, C. M., & Markos, A. (2017). The Big Five Questionnaire for Children (BFQ-C): Factorial invariance across sex and age in a Greek sample of preadolescents. *European Journal of Psychological Assessment, 33*(2), 129–133. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000273>
- Kornienko, O. S., Petrenko, E. N., Leto, I. V., Fedorova, N. A., & Slobodskaya, H. R. (2018). Effortful control in primary schoolchildren: Links with personality, problem behaviour, academic achievement, and subjective well-being. *Psychology in Russia: Start of the Art, 11*(4), 2–18. <https://doi.org/10.11621/pir.2018.0401>

- Kupper, K., Krampen, D., Rammstedt, B., & Rohrmann, S. (2020). The German-Language Short Form of the Big Five Inventory for Children and Adolescents-Other-Rating Version (BFI-K KJ-F). *European Journal of Psychological Assessment*. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000592>
- Laidra, K., De Fruyt, F., & Konstabel, K. (2017). Assessing childhood personality with the Estonian short version of the Hierarchical Personality Inventory for Children (HiPIC). *Personality and Individual Differences*, *112*, 31–36. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.02.050>
- Maćkiewicz, M., & Ciecuch, J. (2016). Pictorial Personality Traits Questionnaire for Children (PPTQ-C) - A new measure of children's personality traits. *Frontiers in Psychology*, *7*(498), 1–11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00498>
- Markey, P. M., Markey, C. N., Tinsley, B. J., & Ericksen, A. J. (2002). A preliminary validation of preadolescents' self-reports using the Five-Factor Model of Personality. *Journal of Research in Personality*, *36*(2), 173–181. <https://doi.org/10.1006/jrpe.2001.2341>
- Markos, A., & Kokkinos, C. M. (2017). Development of a short form of the Greek Big Five Questionnaire for Children (GBFQ-C-SF): Validation among preadolescents. *Personality and Individual Differences*, *112*, 12–17. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.02.045>
- Martin, L. R., & Friedman, H. S. (2000). Comparing personality scales across time: An illustrative study of validity and consistency in life-span archival data. *Journal of Personality*, *68*(1), 85–110. <https://doi.org/10.1111/1467-6494.00092>
- Measelle, J. R., Ablow, J. C., John, O. P., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2005). Can children provide coherent, stable, and valid self-reports on the Big Five dimensions? A longitudinal study from ages 5 to 7. *Journal of Personality and Social Psychology*, *89*(1), 90–106. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.89.1.90>
- Mervielde, I. (1992). The B5BBS-25: A Flemish set of bipolar markers for the Big-5 Personality Factors. *Psychologica Belgica*, *32*(2), 195–210. <http://hdl.handle.net/1854/LU-200615>
- Mervielde, I., & De Fruyt, F. (1999). Construction of the Hierarchical Personality Inventory for Children (HiPIC). In I. Mervielde, I. Deary, F. De Fruyt, & F. Ostendorf (Eds.), *Personality psychology in Europe. Proceedings of the Eight European Conference on Personality Psychology* (pp. 107–127). Tilburg University Press.
- Mervielde, I., Buyst, V., & De Fruyt, F. (1995). The validity of the Big-Five as a model for teachers' ratings of individual differences among children aged 4–12 years. *Personality and Individual Differences*, *18*(4), 525–534. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(94\)00175-R](https://doi.org/10.1016/0191-8869(94)00175-R)
- Navarro-González, D., Lorenzo-Seva, U., & Vigil-Colet, A. (2016). Efectos de los sesgos de respuesta en la estructura factorial de los autoinformes de personalidad. *Psicothema*, *28*(4), 465–470. <https://doi.org/10.7334/psicothema2016.113>
- Olivier, M., & Herve, M. (2015). The Big Five Questionnaire for Children (BFQ-C): A French validation on 8- to 14-year-old children. *Personality and Individual Differences*, *87*, 55–58. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.07.030>
- Ortet, G., Mezquita, L., Morizot, J., Ortet-Walker, J., & Ibáñez, M. I. (2022). Assessment of “los pequeños” Big Five: The Spanish version of the Big Five Personality Trait Short Questionnaire in adolescents. *Psychological Assessment*, *34*(5), 32–44. <https://doi.org/10.1037/PAS0001119>
- Peralta, Y., Aguilar-Rodriguez, A., González Dávila, O., & Miranda, A. (2021). Dimensionality and Reliability Assessment of a Field Implementation of the Big Five in Mexican Children. *Journal of Psychoeducational Assessment*. <https://doi.org/10.1177/07342829211002581>
- Quartier, V., & Rossier, J. (2008). A study of personality in children aged 8-12 years: Comparing self- and parents' ratings. *European Journal of Personality*, *22*(7), 575–588. <https://doi.org/10.1002/per.689>
- Rossier, J., Quartier, V., Enescu, R., & Iselin, A. (2007). Validation of the French version of the Hierarchical Personality Inventory for Children (HiPIC). *European Journal of Psychological Assessment*, *23*(2), 125–132. <https://doi.org/10.1027/1015-5759.23.2.125>
- Slobodskaya, H. R., & Zupancic, M. (2010). Development and validation of the Inventory of Child Individual Differences - Short version in two Slavic countries. *Studia Psychologica*, *52*(1), 23–39. [https://www.studiapsychologica.com/uploads/SLOBODSKAYA\\_01\\_vol.52\\_2010\\_pp.23-39.pdf](https://www.studiapsychologica.com/uploads/SLOBODSKAYA_01_vol.52_2010_pp.23-39.pdf)

- Soto, C. J., & John, O. P. (2017). The next Big Five Inventory (BFI-2): Developing and assessing a hierarchical model with 15 facets to enhance bandwidth, fidelity, and predictive power. *Journal of Personality and Social Psychology, 113*(1), 117–143. <https://doi.org/10.1037/pspp0000096>
- Soto, C. J., John, O. P., Gosling, S. D., & Potter, J. (2008). The developmental psychometrics of big five self-reports: Acquiescence, factor structure, coherence, and differentiation from ages 10 to 20. *Journal of Personality and Social Psychology, 94*(4), 718–737. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.94.4.718>
- Tackett, J. L., Kushner, S. C., De Fruyt, F., & Mervielde, I. (2013). Delineating personality traits in childhood and adolescence: Associations across measures, temperament, and behavioral problems. *Assessment, 20*(6), 738–751. <https://doi.org/10.1177/1073191113509686>
- Tackett, J. L., Lang, J. W. B., Markon, K. E., & Herzhoff, K. (2019). A correlated trait, correlated methods model for thin-slice child personality assessment. *Psychological Assessment, 31*(4), 545–556. <https://doi.org/10.1037/pas0000635>
- Tackett, J. L., Slobodskaya, H. R., Mar, R. A., Deal, J., Halverson, C. F. J., Baker, S. R., Pavlopoulos, V., & Besevegis, E. (2012). The hierarchical structure of childhood personality in five countries: Continuity from early childhood to early adolescence. *Journal of Personality, 80*(4), 847–879. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.2011.00748.x>
- Tackett, J. L., Smack, A. J., Herzhoff, K., Reardon, K. W., Daoud, S., & Granic, I. (2017). Measuring child personality when child personality was not measured: Application of a thin-slice approach. *Personality and Mental Health, 11*(1), 4–13. <https://doi.org/10.1002/pmh.1351>
- Van Dijk, I., Krueger, R. F., & Luce, O. M. (2020). DSM-5 Alternative Personality Disorder Model Traits as Extreme Variants of Five-Factor Model Traits in Adolescents. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment, 12*(1). <https://doi.org/10.1037/per0000409>
- Van Leeuwen, K., De Fruyt, F., & Mervielde, I. (2004). A longitudinal study of the utility of the resilient, overcontrolled, and undercontrolled personality types as predictors of children's and adolescents' problem behaviour. *International Journal of Behavioral Development, 28*(3), 210–220. <https://doi.org/10.1080/01650250344000424>
- Vigil-Colet, A., Morales-Vives, F., Camps, E., Tous, J., & Lorenzo-Seva, U. (2013). Desarrollo y validación de las escalas de evaluación global de la personalidad (OPERAS). *Psicothema, 25*(1), 100–106. <https://doi.org/10.7334/psicothema2011.411>
- Vollrath, M. E., Hampson, S. E., & Torgersen, S. (2016). Constructing a short form of the Hierarchical Personality Inventory for Children (HiPIC): The HiPIC-30. *Personal and Mental Health, 10*(2), 152–165. <https://doi.org/10.1002/pmh.1334>
- Wängqvist, M., Lamb, M. E., Frisén, A., & Hwang, C. P. (2015). Child and adolescent predictors of personality in early adulthood. *Child Development, 86*(4), 1253–1261. <https://doi.org/10.1111/cdev.12362>
- Watt, D., Hopkinson, L., Costello, S., & Roodenburg, J. (2017). Initial validation and refinement of the Hierarchical Inventory of Personality for Children in the Australian context. *Australian Psychologist, 52*(1), 61–71. <https://doi.org/10.1111/ap.12213>
- Zupanic, M., Gril, A., & Kavcic, T. (2006). Child and early adolescent personality: Its structure, age trends and gender differences. *Studia Psychologica, 48*(4), 311–332.

Recebido: 16/08/2023

1ª revisão: 28/11/2023

2ª revisão: 29/01/2024

Aceite final: 29/01/2024



O(s) autor(es), 20234 Acesso aberto. Este artigo está distribuído nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que você dê crédito apropriado ao(s) autor(es) original(ais) e à fonte, fornecer um link para a licença Creative Commons e indicar se as alterações foram feitas.